

# **Super-Herói e as aulas de Educação Física na EMEI PROFESSORA BEATRIZ DE OLIVEIRA CAMPOS em Várzea Paulista – SP.**

Simone Alves

Wesley Batista Araújo

EMEI PROFESSORA BEATRIZ DE OLIVEIRA CAMPOS

## **Resumo**

O presente trabalho busca relatar uma prática pedagógica de Educação Física, que foi desenvolvido pelo prof<sup>o</sup>. Wesley Batista Araújo em parceria com a prof<sup>a</sup>. Simone Alves com alunos de Educação Infantil na cidade de Várzea Paulista. Após a realização de um diagnóstico cultural, percebemos a necessidade de abordar a questão dos super-heróis americanizados e qual a ideologia subjacente que esses personagens carregam consigo. Com o decorrer de nossas práticas emergiram questões de raça, gênero, estereótipos entre outras, que procuramos por meio de rodas de conversa abordar, questionar, desconstruir e reconstruir. Apesar de nossas práticas denotarem a importância que nossos alunos creditam a esses super-heróis, pensamos ter conseguido suscitar questões sociais que são notadamente veladas dentro do âmbito escolar, e com isso talvez, surja o início de uma desconstrução de conceitos legitimados pelos grupos detentores de poder que alijam os saberes dos menos favorecidos da sua importância social.

Palavras-chave: Educação Física infantil; Super-heróis; cultura infantil.

## **Início do percurso**

Em 2009, por meio de concurso público passei a integrar o grupo de professores de Educação física de Várzea Paulista. Os primeiros professores efetivos de Educação Física neste Município ingressaram em 2006, eu então que estava chegando em maio de 2009 me sentia um novato, e estava realizando alguns contatos para identificar quais eram as intervenções pedagógicas, uma vez que a rede ainda não possuía uma diretriz curricular que subsidia-se o dia a dia dos professores de Educação Física.

Então, recebi na escola um comunicado sobre a oferta da formação continuada para professores e funcionários da Rede Municipal de Ensino de Várzea Paulista tendo iniciado em 13 de maio. Nutri de uma grande expectativa, uma vez que poderia estabelecer um contato maior com meus pares. Senti que seria um caminho para me situar como pessoa e profissional dentro do grupo, bem como, apropriar das discussões encaminhadas pelos professores que estavam anterior a minha chegada.

Em 27 de maio, dirigi-me até o local indicado para a formação. No primeiro encontro em uma conversa um tanto quanto animada foi me aproximando do grupo, identificando na apresentação dos colegas as diferentes formas de conduzir o trabalho na escola. Para mim, era

nebuloso, pois as divergências no grupo eram muitas. A ementa da formação era a meu ver audaciosa, indicava como objetivo:

A disciplina propõe uma discussão sobre o currículo como importante no amoldamento da Educação Física Escolar brasileira contemporânea, numa educação voltada para a contemplação de toda diversidade que superlota as nossas escolas. Observando aspectos relevantes referentes às práticas pedagógicas exercidas pelos seus profissionais, tomar-se-á como ponto de partida a análise da formação docente na área e o engendramento do seu processo-histórico e político. Também será destacado o papel dos atores edificados nesse processo – sejam esses os alunos – e os mecanismos curriculares legitimadores ou não se suas identidades, juntamente com as relações de poder que permeiam o cotidiano pedagógico e convival entre professores de Educação Física e Professores de Educação Básica dentro da comunidade escolar.

Abordará a cultura sob uma perspectiva não universalista que, em sua edificação permanente, sofre constante influência do homem e ao mesmo tempo o influencia, na medida em que constrói símbolos e significados. Por fim discutirá o reflexo das ações propostas pela Educação Física Escolar dentro do âmbito de uma educação para a diversidade – caso sejam identificadas -, abrindo um horizonte de aprofundamento sobre as possíveis alternativas a serem, ou não, construídas dentro do espaço educacional coletivo (Ementa da formação de professores de Educação Física de Várzea Paulista, s/p).

Após nove encontros, algumas leituras e discussões, mini-seminários que imbricavam aos textos discutidos, já estava mais claro os locais das maiores resistências em relação à proposta da ementa, bem como as maiores aproximações, e eu me via também muito propenso a ter esta aproximação. Passava a vislumbrar a possibilidade de ter um olhar mais atento em relação os mecanismos curriculares legitimadores ou não das identidades das crianças juntamente com as relações de poder que permeiam o cotidiano pedagógico. Obviamente os encontros deram sustentação para alguns questionamentos, promoveu um aprofundamento, embora tivesse plena certeza de minhas limitações.

A partir das formações, conhecendo um pouco melhor os professores, tornei bastante próximo de uma professora que está na rede desde 2006. Notava pelos relatos da professora Simone que sua prática pedagógica buscava alicerçar-se numa relação dialógica, numa valorização da cultura do aluno, não no sentido de cristalizar, mas a partir dela, promovia uma ampliação e aprofundamento das práticas e já caminhava para promoção de uma postura crítica das crianças. E eventualmente quando encontrávamos, tecíamos mesmo que por pouco tempo, uma discussão sobre a prática pedagógica.

### **Percursos em 2010**

Iniciado o ano de 2010, novas atribuições de aulas, novas escolas, novas turmas, novas conquistas ou atritos, enfim, talvez velhos problemas em lugares diferentes. Coincidentemente, à professora Simone e eu, foram atribuídas turmas do ensino infantil em escolas equidistantes, e aí se sucederam inúmeros fatos que contribuíram para uma construção pedagógica conjunta.

Um fato para essa construção é a experiência profissional, ambos, nunca havíamos trabalhado anteriormente com crianças tão pequenas, (03, 04 e 05 anos de idade). Diante disso estabelecemos um contato para a troca de angústias experiências, construções e desconstruções sobre esse novo desafio. Conscientes desta situação partimos para a verificação de subsídios norteadores da prática. Cada um a seu modo em sua unidade escolar.

Inúmeros foram os argumentos encontrados que colocam o ensino infantil e os professores de ensino infantil em condições subalternas. Como aponta MACEDO (2010)

[...] “cuidar de crianças” parece resultar numa menor remuneração e desvalorização dos professores das crianças pequenas. Em diversos sistemas de ensino, os profissionais que atuam na Educação Infantil sequer são reconhecidos funcionalmente como professores. São chamados de pajens, auxiliares no desenvolvimento infantil, educadores, recreacionistas, técnicos de apoio educativo, etc. Na ausência das disciplinas e saberes escolares parece que não se justifica a presença de professores. [...] ( MACEDO, 2010, p.49).

Notamos que era momento de construir o caminho com base em nossas experiências sem ficarmos lamentando a “má sorte”.

Por estarmos em unidades diferentes e com horários opostos para a realização de HTPC (Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo), poucos foram os encontros. A correspondência por e-mail se tornou uma constante para nossas investigações, embora também realizemos alguns encontros pessoalmente.

Queria nortear o trabalho por questões apontadas pelos alunos, entretanto não estava notando quais eram os interesses das crianças, então a professora Simone e eu também conversamos sobre isso, onde ela apontou que poderia encaminhar um questionário para a família, afim de obter essa informação, e, que havia feito deste modo e obteve relevantes apontamentos. Sugeriu ainda que observasse o que as crianças usam, pois apesar do uniforme eles também usam alguns “apetrechos” que podem indicar aspectos importantes sobre a sua cultura.

A partir deste contato a prática pedagógica desenvolvida na EMEI PROFESSORA BEATRIZ DE OLIVEIRA CAMPOS<sup>1</sup> situada a Rua São Paulo, 279, Vila Santa Terezinha, Município de Várzea Paulista, interior de Estado de São Paulo, com o código de endereçamento

---

<sup>1</sup> Código INEP: 212830

postal 13220-160 que atende a aproximadamente 300 crianças em suas 7 salas em dois períodos (manhã e tarde) tomou outros contornos. Então, realizei uma investigação que denominei de diagnóstico cultural para identificar alguns elementos constituintes do cotidiano das crianças<sup>2</sup>. Respaldados por nossas conversas e por meio das nossas observações percebemos que os alunos desta escola (3/4 e 4/5 anos) utilizam muitas roupas e acessórios relacionados a super-heróis americanizados. Diante disso, construímos as nossas aulas abordando tal temática.

Para MACEDO (2010) Na Educação Infantil há que se abrir caminhos para que a Educação Física seja uma experiência de apropriação, ampliação e recriação da cultura. Concordando com a autora, a prática pedagógica desenvolvida buscou refletir, desconstruir e reconstruir as características corporais que definem e legitimam um super-herói. Além de pautar-se por questões de gênero, força/poder, raça e estereótipos.

Em todas as turmas foram utilizados os personagens (super-heróis) citados pelas crianças. Posterior a esta etapa foram criadas brincadeiras de perseguição que contemplassem esses super-heróis.

Realizado a vivência de algumas brincadeiras e a utilização de seus super-heróis, pude observar a questão de que os brinquedos utilizados pelas crianças, trazem consigo possibilidades de inúmeras discussões. A essa idéia, Neira (2007) defende uma concepção de currículo que destaca seu ato político de contestação, da possibilidade de apresentá-lo e antagônicas construções e produções.

Podemos perceber de modo muito explícito a questão de gênero e identidade. Fato que diferenciava os meninos das meninas pelos seus brinquedos e apetrechos. A diferenciação entre as crianças era bem notável pelos brinquedos que carregavam, cabendo as meninas brinquedos e atividades de cunho menos agressivos, por que não dizer identidades fragilizadas.

O desenvolvimento das atividades buscava fomentar a existência de uma relação dialógica. Houve espaço para que as crianças pudessem manifestar suas opiniões, socializar idéias, ampliar e aprofundar conhecimentos relacionados a seus brinquedos.

Simone e eu, não deixamos de ir nos comunicando, conforme as aulas iam acontecendo novas idéias iam norteando o trabalho, então em um desses contatos surge como sugestão de ampliação do debate a possibilidade de uma mostra de filme para as crianças. Então, num outro momento assistimos a dois filmes: X MEN E SHERK, com isso tentamos deixar evidentes as características de super-heróis opostos, ou melhor, como a sociedade define o que é, e o que não é um super-herói.

---

<sup>2</sup> Segundo diagnóstico realizado no início do ano letivo, os frequentantes desta escola são formados por crianças de diferentes bairros: Santa Terezinha, Maria de Fátima, Promeca, América III e IV, Jardim Paulista. Os pais em sua maioria trabalham, possuem ensino médio completo com índice maior entre as mães. A maioria mora em casa alugada e as crianças quando não estão na escola em sua maioria ficam aos cuidados de terceiros, geralmente avós e algumas aos cuidados da própria mãe.

Após assistirem os filmes, as crianças disseram que para ser super-herói precisa ser forte/bonito (estética corporal europeizada), com poderes. Quando questionados sobre o que é ser bonito, eles apontaram para a TV (X-MEN).

Alguns também disseram que o SHERK é bonito, mas quando questionado o porquê não souberam responder. Com as turmas maiores (4/5 anos) houve bastante interesse no filme e as discussões sobre gênero, estereótipo e raça atingiu elevado aprofundamento. Talvez por haver muito diálogo entre os heróis dos filmes os menores (3/4 anos) se dispersaram com frequência.

Realizada esta etapa, e agora o que fazer?

Propusemos a eles inventarem poderes e atitudes através dos materiais disponíveis. Em outra aula caracterizaremos todos os alunos com capa<sup>3</sup>, e deixamos disponíveis alguns materiais para que eles criassem seus próprios super-heróis. Posteriormente foi solicitado em roda de conversa que explicassem as características do novo super-herói. Com as turmas mais novas ninguém conseguiu criar um novo super-herói. Contudo inventaram muitos poderes.

Discorrendo sobre esse assunto notamos que eles enfatizam muito a relação força e poder. A partir disso elaboramos estratégias com o enfoque da força, pautada pela questão do gênero.

Na primeira aula dessa temática percebemos que para os menores a questão do gênero não influencia tanto no que diz respeito a força. Já com os maiores muitos disseram que a força dos super-heróis masculinos tinha relação direta com a questão de gênero.

É bem verdade que as meninas disseram que os super-heróis femininos eram mais fortes que os super-heróis masculinos, mas não argumentaram em favor disso. Com alguns meninos eles foram enfáticos em afirmar que o super-herói masculino era mais forte porque era homem.

Com os mais velhos, pelo menos metade das crianças criou novos personagens. Entretanto com características muito semelhantes a dos personagens americanizados.

Quando questionados sobre os super-heróis que conheciam todas as turmas disseram conhecer muitos, com diferentes poderes, entretanto houve uma predominância de personagens heróicos masculinos.

Outro ponto que emergiu foi à questão de cor de menino e menina. Quando questionados da onde vem isso, eles disseram que o pai ou a mãe disse que há cores de meninos e cores de meninas e por isso eles precisam seguir esses doutrinamentos. Sendo assim mesmo com algumas ressignificações feitas, as características estereotipadas construídas socialmente ficam evidente quando ouvimos super-heróis criados por meninas como: *super-rosinha ou borboletinha rápida*.

Com isso percebemos que desde a mais tenra idade já se começa inculcar nos alunos diferenças entre meninos e meninas. Neste primeiro momento as aulas se pautaram em torno dos

---

<sup>3</sup>A idéia da capa surge dos próprios alunos em nossas rodas de conversa logo nos primeiros questionamentos, por isso optamos por essa caracterização. Não obstante eles podiam escolher, se queriam ou não, vesti - lá.

super-heróis trazidos por eles e qual a ideologia subjacente inserida. A questão do gênero e de suas diferenças emergia nas entrelinhas das nossas conversas e consubstanciado com a questão dos estereótipos permearam as próximas discussões.

Em nossas rodas de conversa, os questionamentos pululavam a medida que íamos desenvolvendo o assunto, e desdobravam por caminhos imprevisíveis. Um exemplo disso foi em uma de nossas conversas onde percebemos que algumas meninas escolheram representar super-heróis masculinos. A partir disso questionei a respeito:

Porque você escolheu representar esse super-herói?

*- Eu escolhi o Batman... porque ele é mais forte que a Hello Kitty*

Eu questionei se não havia alguma mulher super-herói que era mais forte que o Batman e que ela gostasse de representar:

*-Tem as super-mosqueteiras mas o Batman é mais forte!*

Após esses desdobramentos pedimos para que eles apontassem quantos super-heróis masculinos e femininos eles conheciam. Bem, o resultado disso foi discrepante, pois houve poucos apontamentos de heróis do sexo feminino. Apesar de tentarmos aprofundar sobre tal temática eles não conseguiram analisar sobre os elementos que legitimaram e continuam legitimando o sexo masculino com suas características euro-estadunidenses.

Em relação ao gênero a maioria descreveu que tanto super-heróis masculinos como femininos tem poderes parecidos e qualquer um pode vencer. Por esse prisma não há o pensamento sobre sexo frágil. Contudo os super-heróis relatados em roda, como já dissemos anteriormente, são na maioria homens.

Já os estereótipos são identificados principalmente em relação as roupas, corpo e poderes especiais.

Quando questionamos sobre a cor da pele dos super-heróis eles se reportaram (boa parte) a cor da roupa. Apesar disso quando incitados a se referirem sobre a cor da pele do super-herói ideal, a maioria falou a cor branca.

Aprofundando mais sobre a questão perguntei se era possível haver um super-herói negro.

A maioria se absteve da resposta no entanto um aluno disse:

*- Professor não pode falar negro:*

*- Mas por quê, eu questionei:*

*- Não pode porque é pecado, minha mãe disse. Tem que falar moreno escuro!*

Na verdade percebi que quando falei a palavra “negro”, houve um inquietação em alguns. Um aluno chegou até a mencionar que isso seria um “*palavrão*”.

Ao final de todas as nossas aulas realizávamos rodas de conversa inicial e final, ambas adentrando as questões que podiam ser exploradas por meio dos brinquedos e “apetrechos”, como as questões de gênero, força/poder, raça e estereótipo.

Na última semana de Março encerramos a utilização dos SUPER-HERÓIS. Neste percurso muitos foram os desdobramentos. Vivenciamos uma prática pedagógica construída na reflexão diária tanto com as crianças, como também na reflexão profissional. Experienciamos mesmo que provisoriamente o rompimento de um modo hierarquizado da prática pedagógica. Como o leitor pôde observar ficamos distante de uma linearidade pedagógica, nossas observações questionamentos, dúvidas e intervenções iam e vinham conforme a necessidade pululante. Notadamente muitos contornos escaparam do nosso registro, uma vez que tivemos que construir uma prática conjunta quase toda virtual.

### **Considerações finais**

Com o objetivo de compreender um pouco mais sobre a cultura daquelas crianças adentramos ao que é, pertinente para eles, os super-heróis. Mas qual a ideologia subjacente de um super-herói? O que, ou quem credita a alguém ou algo ser “*bonzinho ou mauzinho*”? Quais as características que implicitamente e explicitamente esses super-heróis exigem do nosso público infantil? Como essas características são tratadas socialmente, ou ainda, como as crianças lidarão com as exigências de conduta, de referencia corporal, de imposição cultural trazidas por esses “*inocentes brinquedos, filmes, desenhos*”? Bem essas são perguntas que não ousamos responder, pois dentro de nossa pratica pedagógica não há garantias que as respostas atenderão aos nossos anseios.

Entretanto acreditamos ter conseguido suscitar questões sociais que são notadamente veladas dentro do âmbito escolar, e com isso talvez, surja o início de uma desconstrução de conceitos legitimados pelos grupos detentores de poder que alijam os saberes dos menos favorecidos da sua importância social.

**Para a apresentação: Datashow.**

## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MACEDO, E.E. **Educação Física na perspectiva cultural: análise de uma experiência na Creche**. Disponível em <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-20042010-163021>.

Acesso em 02/06/2010.

NEIRA, M.G. **Ensino de Educação Física**: São Paulo, Thomson Learning, 2007.